

Aniquilação da Complacência visando a Auto-liderança

Annihilation of Complacence Seeking Self-Leadership

Aniquilación del Complacer con vistas al Auto-Liderazgo

Douglas Herrera Montenegro*

* Biólogo. Mestre em Genética e acadêmico de Direito. Voluntário do Instituto Internacional de Projeologia e Conscienciologia (IIPC).

dhmontenegro@gmail.com

Palavras-chave

Parapatologia
Reciclagem existencial
Tarefas assistenciais

Keywords

Assistential tasks
Existential recycling
Parapathology

Palabras-clave

Parapatología
Reciclaje existencial
Tareas asistenciales

Resumo:

O comportamento complacente, segundo autopesquisas, tende à Parapatologia psicossomática comumente manifestada em conscins nas quais traços de liderança são subestimados ou subutilizados. Neste artigo, o autor busca descrever tal traço-fardo (trafar), embasando-o sob a ótica do paradigma consciencial e da Conscienciometria. Tendo como base o próprio laboratório consciencial, relata estratégias de reciclagem existencial visando consolidar a recin para o desenvolvimento da liderança interassistencial.

Abstract:

The compliant behavior, according to self-research, tends to psychosomatic Parapathology commonly manifested in intraphysical consciousness in which leadership traits are underestimated or underutilized. In this article, the author looks for to describe such weak trait, basing it under the optics of the consciencial paradigm and of Conscienciometry. Having as base the own consciencial laboratory, it mentions strategies of existential recycling seeking to consolidate the intraphysical recycling for the development of the interassistencial leadership.

Resumen:

El comportamiento complaciente, según auto-investigaciones, tiende a la Parapatología psicossomática, comúnmente manifestada en concines, en las cuales los trazos de liderazgo son subestimados o sub-utilizados. En este artículo, el autor busca describir tal trazo-fardo (trafar), incluyéndolo desde la óptica del paradigma consciencial y de la Conscienciometría. Teniendo como base el propio laboratorio consciencial, relata estrategias de reciclaje existencial con vistas a consolidar el recin para el desarrollo del liderazgo interasistencial.

Artigo recebido em: 24.07.2015.

Aprovado para publicação em: 26.08.2015.

INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa o comportamento complacente, enquanto traçar manifestado no autor, que, a partir de sua casuística, discorre sobre tal patologia consciencial e, teaticamente, designou ferramentas que ocasionaram a superação dessa condição, fato que denominou “aniquilação da complacência” para enfatizar seu autoabsolutismo frente à referida parapatologia.

O comportamento complacente, entendido como disposição habitual ou tendência de corresponder aos desejos, gostos e idiosincrasias de outrem com a intenção de ser-lhe agradável, pode ser uma forma de manifestação natural de certas consciências perante relacionamentos com os outros.

O objetivo deste artigo é abordar a trajetória percorrida pelo pesquisador até o momento, demonstrando as técnicas utilizadas para a realização da viragem do comportamento complacente à autoliderança evolutiva.

Enquanto fruto da aplicação da técnica da reciclagem existencial, o artigo tem a finalidade de demonstrar como a reciclagem existencial (recéxis) pode trazer benefícios na superação de traumas a quem está disposto a sair da zona de conforto rumo ao protagonismo interassistencial.

A metodologia utilizada na realização da escrita e da autopesquisa restringiu-se à autoanálise do laboratório consciencial, além da recepção de *feedbacks* junto aos integrantes do Grupo de Reciclantes Existenciais (Grecox) do Instituto Internacional de Projeiologia e Conscienciologia (IIPC) Curitiba.

O artigo está estruturado em três seções principais: 1. Caracterização, a qual descreve a complacência e apresenta ferramentas de autossuperação; 2. Estudo de Caso, na qual as reciclagens são apresentadas e 3. Análise comparativa, na qual são tecidas considerações gerais.

I. CARACTERIZAÇÃO

Considerando que o termo “complacência” ainda carece de maior aprofundamento perante o viés do paradigma consciencial, propõe-se aqui a caracterização desse trauma.

A complacência é um traço dentro de um conjunto de características voltadas à submissão. Associam-se a ela a introversão, a timidez, a consolação, a insegurança, a heteronomia e a repressão, entre outros.

A complacência, ou comportamento baseado em concordar com outra pessoa na intenção de agradá-la ou parecer-lhe agradável, é uma parapatologia que se relaciona à ausência de mecanismos de autoconfiança psicossomáticos bem consolidados capazes de promover a saudável manifestação de conjunto de traumas conectados à liderança interassistencial da consciência acometida, ao modo desses cinco, na ordem alfabética:

1. **Acalmia.** Manutenção de postura intraconsciencial e energética tranquila quando situações de conflito se apresentam.

2. **Confiança.** Atitude de ter certeza em si mesmo, não se desestruturando quando em contato com posicionamentos adversos.

3. **Coragem.** Não temer críticas alheias rasas, superficiais, nem desviar de rota quando as encontrar, posicionando-se lucidamente.

4. **Determinação.** De posse do conhecimento sobre o que necessita ser realizado, atravessar obstáculos que surjam no caminho para a consecução do objetivo.

5. **Parapsiquismo.** A ausência de repressão íntima permite maior fluidez energética, o que possibilita maior desenvolvimento parapsíquico da consciência.

A título exemplificativo, a consciência complacente tende a evitar confrontos, debates, autoexposições ou outras maneiras de expressar o seu posicionamento; afinal, tal opinião pode ser diferente da manifestada por outras pessoas do ciclo social. Assim, inexistente aprofundamento em conversas que envolvam temas polêmicos ou que ensejem a escolha de ponto de vista, pois desagradar é algo inaceitável para a consciência complacente.

Uma análise conscienciométrica do perfil complacente revela os oito padrões comportamentais dessa personalidade, apresentados em ordem alfabética:

1. **Acatamento.** Acatamento da decisão dos outros, obedecendo irrestritamente.

2. **Acriticidade.** Ausência de filtros conscienciais para o recebimento de informações externas.

3. **Covardia.** Medo de se posicionar, pois não sabe como os outros reagirão.

4. **Insegurança.** Dificuldade em sair de determinada situação, mesmo sabendo ser o melhor a fazer.

5. **Melindre.** Facilidade em se ofender por *pouca coisa*, por inexperiência com a troca interconsciencial.

6. **Pusilanimidade.** Fraqueza de caráter, possibilitando acumplicamento com condutas anticosmoéticas por medo de ir contra outros.

7. **Timidez.** Vontade de não ser percebido, ter receio de que as atenções alheias sejam voltadas a si.

8. **Vitimização.** Sensação de menos-valia da conscin sem autoestima, que não consegue se afirmar de maneira autêntica.

Como se pode deprender, a autopesquisa do autor revela que esses sete traços se identificam com a raiz do temperamento caracterizado pela repressão, megatrafar comum às consciências que difícil ou raramente exerceram a postura consciencial de líder.

Ser vítima da repressão, ou do ato de amarrar-se, tolhendo as próprias ideias e sentimentos, rumo ao fechadismo consciencial, infelizmente é escolha de consciências com falta de discernimento e lucidez proexológica, o que demonstra predomínio patológico do psicossoma perante o mentalsoma.

Sintoma energossomático típico da complacência é observado no embotamento do umbilicochakra, chacra básico relacionado às emoções mais primitivas, por exemplo o medo, entre outras. No viés da repressão e da complacência, a ausência de autoconhecimento quanto às emoções e de autoenfrentamento em situações adversas à da conscin ocasiona bloqueio e entropia nessa região do corpo energético.

Com base nessa descrição, parte-se para a análise do caso concreto, visando apresentar o que foi aferido pela autopesquisa, quanto ao modo de funcionamento da parapatologia e as maneiras encontradas pelo pesquisador, de acordo com seu labcon, para autossuperá-la.

II. ESTUDO DE CASO

Para um entendimento mais detalhado quanto ao perfil consciencial do autor, levando em conta o seu histórico pessoal, da infância à juventude, recomenda-se a leitura do artigo “Síndrome da Intelectualidade Estéril: Caracterização e Estudo de Caso” (MONTENEGRO, 2014, p. 398).

Em suma, vivências mais voltadas à introspecção e ausência de contatos sociais aprofundados são tidas como hipótese para o desenvolvimento do comportamento complacente, levando em conta seu contexto mesológico. Como hipótese holobiográfica, a predominância de algumas posturas religiosas manifestadas já durante a infância denota possível retrovida dedicada a esse holopensene.

Até os 26 anos de idade, desconhecedor das técnicas de autopesquisa propriamente ditas, não houve maiores autoenfrentamentos e tal comportamento continuou como natural, acessório ao temperamento caracterizado pela introversão e timidez.

Ao ingressar no voluntariado do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC) em Curitiba, Paraná, mais atenção foi dada à sua intraconsciencialidade e movimentos reciclogênicos começaram a despontar, principalmente com o início do seu processo para se tornar docente do IIPC.

EXPERIÊNCIAS NO VOLUNTARIADO

Ao ingressar no corpo docente do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC), foi necessário desenvolver algumas atividades antes não imaginadas. Exemplo: assistir aula de colega professor, participante da mesma equipe docente de algum curso, e então destinar-lhe observações quanto à aula dada.

Nos primeiros cursos, o *feedback* dado sempre esteve impregnado pela complacência na tentativa de, por mais que a aula tenha sido irregular e algumas pontuações do professor não terem sido adequadas, a mensagem passada era para que ambos se sentissem bem.

Curiosamente, eram utilizadas conjunções adversativas em sua fala, isto é, “sua aula foi boa, *mas* poderia desenvolver mais tal assunto” ou “gostei muito da aula, *só que* acho que tinha que melhorar”.

A análise da linguagem utilizada demonstrava que era necessário primeiro agradecer para então tentar dizer algo que não estava bom. E quando outro professor participante tinha uma opinião diferente da sua, logo o autor concordava que estava errado, visto que nem se especulava a possibilidade de discordar de alguém.

Em diversas ocasiões, as anotações feitas sobre alguma aula eram certeiras, objetivas e pontuais, entretanto quando chegava o momento de declará-las, a fala não acompanhava o que tinha sido escrito, pois o sentimento de culpa era mais forte.

Apesar disso, os autoenfrentamentos foram contínuos, o que possibilitou a continuidade no *autodesenvolvimento*, e os seguintes resultados foram observados: qualificação pessoal como palestrante institucional, apresentação de um artigo de autopesquisa em evento Conscienciológico (*I Simpósio de Autopesquisologia do IIPC Curitiba*, em 2014), defesa de verbete da Enciclopédia da Conscienciologia (Intelectualidade Estéril, em 2014), e posteriormente, aptidão para ser professor-orientador de novos docentes da Conscienciologia.

RECICLAGENS EXISTENCIAIS

Enquanto buscava o aprimoramento em suas atividades no IIPC, quatro diferentes situações se apresentaram, a seguir descritas cronologicamente:

1. **Trabalho.** Tendo em vista a necessidade de adquirir meios para a sua própria autonomia, sem continuar na dependência financeira total dos pais, foi iniciada atividade profissional que, apesar de ocorrer em *meio período*, começou a fornecer subsídios financeiros para algumas mudanças-chave de vida. A relação com a complacência se deu no comportamento anterior de aceitar a sugestão dos pais de continuar a morar com eles pelo tempo que fosse necessário até o preparo e aprovação em concurso público – condição considerada como ideal de trabalho que possibilitaria sustento adequado para a vida independente.

2. **Mudança.** Com a aquisição de renda mensal própria, foi possível cogitar a mudança da casa dos pais para se viver com a duplista, que morava em apartamento em outro bairro. Com a aposentadoria, os pais foram morar em cidade do litoral, onde iniciaram empreendimento próprio, e ofereceram a casa para o casal. Entretanto, tal proposta foi recusada para que a dupla evolutiva adquirisse independência, firmando sua autonomia em relação aos pais. Afinal seria mais cômodo continuar na mesma casa, sem o pagamento das contas mensais e, eventualmente, recebendo visitas dos pais.

3. **Dupla evolutiva.** A mudança permitiu um desenvolvimento maior de seu papel dentro da dupla evolutiva: a vida a dois possibilita vivência total deste laboratório conviviológico, o que facilita maiores experiências dentro do *binômio diálogo-desinibição* e do *binômio admiração-discordância*, este último especialmente difícil para conscins complacentes, incapazes de discordar dos outros.

4. **Tenepes.** A mudança de casa se deu em dezembro de 2014, e a partir do início de 2015 foram observadas algumas sincronidades aliadas ao recebimento de inspirações extrafísicas para se dar mais atenção ao conceito de tenepes. Como hipótese, levantou-se o cenário de que este pesquisador, como minipeça dentro do maximecanismo interassistencial, começou a se tornar apto à prática dessa tarefa assistencial mais avançada.

Em um dos laboratórios de tenepes realizados percebeu-se que o maior travão intrafísico para a prática ainda era o financeiro. A confirmação da hipótese se deu no dia seguinte ao laboratório, pois a chefe do trabalho, espontaneamente, falou que iria contratá-lo efetivamente quando terminasse a faculdade, e em março de 2015, o autor se tornou tenepessista. Este fato foi considerado um aval multidimensional de que as reciclagens estavam alinhadas com a bússola proexológica.

Vale ressaltar que, em relação à família nuclear, a mudança se deu de maneira amigável, sem cortes bruscos no relacionamento. Afinal, considerando que um dos objetivos da ressonância é a quitação de débitos e créditos grupocármicos, não haveria sentido a criação de inimizades ou rispidez entre os conscins.

Apesar de não ter sido processo simples, o ato de se posicionar e não ceder às pressões sofridas foi experiência valiosa que gerou maior nível de respeito entre todos os envolvidos e melhorou a qualidade e profundidade do relacionamento. Com maturidade e discernimento, situação que poderia se tornar negativa tornou-se bastante positiva: o contato com os pais, apesar de não ser mais diário, é sempre bastante proveitoso.

III. ANÁLISES COMPARATIVAS

A. PARALELOS ENTRE INCOMPLACÊNCIA E BELICISMO

Uma tendência natural de quem quer superar determinado traço de personalidade é, quando se sente mais confiante para realizar algumas mudanças, partir para o outro extremo da mesma característica, situação também patológica. Por imaturidade da consciência, requer-se ainda determinado tempo com essa nova manifestação para se alcançar e consolidar um equilíbrio sustentável.

O autor, ao dar os primeiros passos para fora de um extremo patológico complacente, até chegar à harmonização consciencial, ainda em desenvolvimento, teve determinados rompantes de agressividade.

Houve situações em que, em vez de ser conivente e aceitar o que lhe era imposto, por ainda tatear no que seria uma postura incomplicente, algumas vezes agiu de maneira bélica, liberando alguns *nós energéticos* que antes estavam atados, de maneira errônea.

A consciência tenta eliminar uma postura sem saber como agir de modo diferente, o que ocasiona essa tentativa, às vezes falha, de acertar. Entretanto, o melhor é ter essa atitude do que permanecer estagnado. É importante que o trafor da coragem esteja sendo desenvolvido enquanto a complacência é eliminada: a vontade de melhorar e de se autossuperar deve prevalecer em detrimento do receio e da fragilidade.

Quando a conscin complacente tenta realizar um movimento para eliminar tal trafor, sem uma filtragem pensênica e Cosmoética, sua manifestação pode soar agressiva, por mais assistencial que se procure ser.

Ser incomplicente não é ser grosseiro, é ser assistencial. Isto é, entender que apesar de lidar com traços delicados e sensíveis dos outros, apontá-los é necessário, mas não deve ser motivo para se colocar em posição de superioridade.

B. SENTIMENTO DE CULPA E TAREFAS ASSISTENCIAIS

O sentimento de culpa, ou a sensação de ter adotado atitude reprovável ao realizar a tarefa, é o maior sintoma de que a conscin ainda é condescendente com os outros, caso que se vislumbra relação direta como despreparo para se realizar a tarefa. Isso significa que a pessoa complacente tem maior propensão para atuar pausada pela tarefa da consolação, ainda paliativa diante das reais necessidades evolutivas das consciências. Entretanto, não quer dizer que seja algo a ser descartado.

A tarefa da consolação (tacon), por mais primária que seja quando comparada à tarefa do esclarecimento, não deve ser negligenciada nos relacionamentos interpessoais. É importante saber dosar entre ambas as tarefas para a obtenção de sucesso na assistencialidade. A confiança parapsíquica é necessária para se saber discernir como atuar nos interrelacionamentos quando a assistência deve ser feita.

Pode ocorrer de a consciência vivenciar o autoenfrentamento da parapatologia e acabar por incorrer no sentimento de culpa, pois tenta se posicionar e as repercussões negativas holossomáticas continuam: ansiedade, covardia e melindre, por exemplo, quanto ao psicossoma, desequilíbrio do cardiochakra e umbilicochakra, energeticamente, e desconforto abdominal, taquicardia, tremedeira, entre outros, no nível somático.

Entretanto, o processo é natural pelo desconhecimento e ausência de sinapses referentes ao comportamento incomplacente e tarístico. O necessário é a continuidade e a persistência para a autossuperação desse tráfego, utilizando o sentimento de culpa como “termômetro” consciencial para se averiguar o andamento da reciclagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o processo autovivenciado e as autodescobertas, fica evidente a necessidade de fundamentação teórica e embasamento perante o paradigma consciencial quando se pretende realizar, teaticamente, a autossuperação de traumas, e, por via de consequência, várias reciclagens existenciais. A técnica da recéxis permite, como consequência de sua aplicação, a criação de neossinapses recinológicas, o que foi constatado pelo autor durante o processo de elaboração deste artigo.

Como o processo evolutivo gira em torno de todas as esferas de manifestação das conscins, é interessante observar que a reciclagem de um traço em determinado contexto reverbera em outro, o que requer posicionamento perante o reciclante para confirmar suas mudanças. O esmorecimento ou a tentativa de disfarçar as próprias alterações para melhor denunciam uma reciclagem ainda não consolidada.

A complacência, comportamento que acomete inúmeras conscins, é grande travão evolutivo que deve ser eliminado da existência de quem busca a holomaturidade nos relacionamentos, motivo pelo qual o investimento no autoparapsiquismo é importante para o entendimento de como lidar com os outros. O sentimento de culpa por ter desagradado alguém é sinônimo do predomínio parapatológico do psicossoma, o que indica necessidade de maior empenho no autoenfrentamento lúcido, especialmente quando a postura de assistente é assumida.

REFERÊNCIAS

1. **Montenegro**, Douglas H.; *Intelectualidade Estéril*; In: **Vieira**, Waldo (org.); *Enciclopédia da Conscienciologia*; Verbete defendido em 01.03.2014; disponível em <http://www.encyclopediadaconscienciologia.org>; acesso em: 08.07.14.

2. **Idem**; *Síndrome da Intelectualidade Estéril: Caracterização e Estudo de Caso*; Artigo; *Conscientia*; Revista; Edição Especial; I Simpósio de Autopesquisologia do IIPC Curitiba; Vol. 18; N. 4; Foz do Iguaçu, PR; Outubro a Dezembro, 2014; página 394.